

## **OS QUE COMEMORAM A MORTE PORQUE A VIDA SEGUE: UMA CULTURA POPULAR MEXICANA.**

**Patricia Abud Souza<sup>1</sup>**  
PPGARTES - UFPA

### **Introdução**

Na cultura Brasileira, geralmente, quando o assunto é cultura familiar, pensa-se em lembranças de situações festivas, como nascimentos, batizados, aniversários, formaturas, casamentos, etc. Contudo, há culturas extremamente diversificadas, como por exemplo, a cultura Mexicana, que também se atêm em lembranças felizes, como as citadas acima, com situações boas, mas que para além delas, introduziram em seu cotidiano a cultura de festejar a Morte.

Dos dias 01 e 02 de novembro no México inteiro, em algumas cidades fronteiriças e até em cidades estadunidenses comemorasse a “Festa do dia dos Mortos” (apesar de que as comemorações, efetivamente, começam desde meados do mês de outubro). Cultura popular que foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Imaterial da Humanidade. Na mesma os mexicanos honram os seus mortos com uma grande celebração festiva, pois acreditam que neste período os mesmo podem retornar ao mundo dos vivos para visita-los. Esta festividade acontece desde o período pré-hispânico.

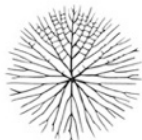
Ao chegar à cidade do México nessa época sente-se como se estivesse tendo uma explosão de eventos e manifestações culturais ao mesmo tempo. Sabe-se que a cultura mexicana é extremamente colorida, principalmente pela herança indígena que a mesma tem, mas no período do dia dos mortos podemos nos deparar com a cidade toda colorida por caveiras, serragens, papel picado, bandeirolas picadas. Em qualquer lugar que entramos, seja um mercado, uma padaria, casas de moradores locais, hotéis e até museus, podemos encontrar altares, organizados com mínimos detalhes importantes para trabalhar o processo do luto de forma que a lembrança se transforme em algo mais leve.

A intenção deste trabalho é compreender a relação afetiva familiar que essas famílias têm com essa cultura popular, mostrando cada momento acompanhado através de entrevistas e participações de alguns eventos ocorridos na cidade do México. Mostrando sempre a relação história/cultura, família/memória e arte/religiosidade.

Os principais aspectos teóricos utilizados para analisar este fenômeno cultural, serão discussões de conceitos de memória individual e coletiva de Maurice Halbwachs, assim como os de memória dos mortos, recordação e historia de

---

<sup>1</sup> Licenciada plena em Educação Artística – Artes Plásticas (UFPA); Especialista em Educação de Jovens e Adultos para a Juventude (UFPA); Mestranda em Artes pelo Programa de Pós-Graduação (UFPA).



Aleida Assmann, usando também os artigos “Morte e a fotografia” de Miriam Lifchitz Moreira Leite e “Memória em imagens” de Clarisse Ehlers Peixoto, publicados no livro *Imagem e Memória: Ensaio em Antropologia Visual* organizado por Mauro Guilherme Pinheiro Koury, onde há outros artigos relacionados à fotografia mortuária e memória, além de comparar a cultura fúnebre deles com a brasileira, através de João José Reis, por fim farei análise das questões relacionadas ao esquecimento nesse fenômeno e crença cultural/religiosa, utilizando Yosef Hayim Yerushalmi como fonte literária.

Pretende-se com esse trabalho demonstrar, através de coleta de dados, o envolvimento afetivo que essas famílias têm com essa cultura popular. Pesquisando a história da mesma, através de referenciais bibliográficos e entrevistas. Identificar o quão é importante para esses grupos familiares a preservação das memórias dos seus entes queridos que já partiram.

### **Metodologia**

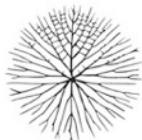
Para a realização desta pesquisa serão adotadas duas estratégias metodológicas: a pesquisa *in loco* e bibliográfica. Onde será analisada durante os dias das festividades do Dia dos Mortos, toda movimentação de organização da cidade e pessoas que ela habitam, onde serão feitas imagens fotográficas e vídeos mostrando essa realidade, além da aplicação de entrevistas com as famílias locais que participam dessa cultura popular, que servirá para fazer-nos entender qual a necessidade de cada símbolo, objeto, expressão cultural exposta na cidade.

### **Resultados e discussão**

A festa do Dia dos Mortos no México é um evento que vai muito além de algo restrito a algumas famílias, a pesar de ter algumas famílias que não participam da festividade, ela mexe com toda dinâmica da cidade, na realidade do país. Pois o comércio de objetos e símbolos que são utilizados na época é muito grande, existem alimentos que são produzidos somente pra este período, flores específicas que são utilizadas para enfeitar a cidade, o turismo aumenta, o trânsito fica congestionado, ou seja, quem mora e quem está só de passagem pelo México nesse período, acaba sendo contagiado por toda essa movimentação.

Quando se participa de um tipo de celebração desse tipo a impressão que se tem, dependendo muito da orientação espiritual que cada um tem, é que a festividade não é religiosa, mas atualmente a mesma têm um teor católico, percebe-se isto quando a divindade maior que representa a mesma é uma santa que tem o rosto de uma caveira, no caso a “Santa Muerte”. E a mesma é “aclamada”, “reverenciada”, em todas as celebrações da festividade do Dia dos Mortos. Além de encontrarmos altares montados para os mortos, dentro das igrejas católicas.

Este teor religioso pode ser percebido também nas partes mais afastadas do centro da cidade do México, onde crianças (adultos e adolescentes também participam) cantam/rezam um “Pai nosso” pedindo doces de casa em casa, como se fosse um corte, onde a última palavra “gritada” é, “Lá Calaveira”, que simboliza que as



mesmas estão chamando justamente a Santa Muerte (Figura 1). Segundo relatos de populares em entrevista, esse costume se dá por que eles acreditam que os espíritos das crianças que já morreram podem se alimentar dos doces através das crianças que estão vivas.

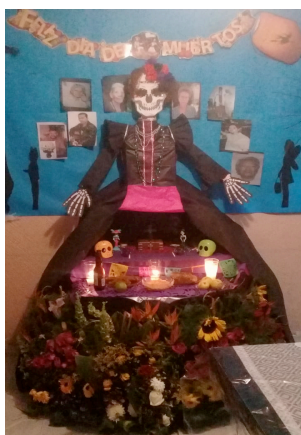


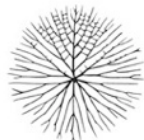
Figura 1: Santa Muerte.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_Muerte](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Muerte)

Contudo a Santa Muerte também é conhecida, popularmente, de Catrina, reapareceu na cultura mexicana através da obra de José Guadalupe Posada, considerado o recriador de “La Catrina” no início do século 20. Na litografia ele desenhou um crânio vestindo um frondoso chapéu. Segundo biógrafos, Posada pintou o chapéu representando a universalidade da morte. O artista descrevia com isto uma mensagem forte: a morte não diferenciava ninguém. Não importa a classe social ou financeira. Há relatos que a mensagem, tinha o primeiro impacto nos ricos que usavam chapéus chamativos.

Contudo, de toda a manifestação cultural as familiares são as que realmente mais encantam chamando atenção das pessoas que não estão acostumados com essa cultura, pois as famílias se organizam para cada dia do feriado. Os altares de dentro das casas (Figura 1) são completamente diferentes dos que são montados em locais públicos (Figura 2), pois as famílias colocam fotografias dos entes queridos que já “partiram” e que eles gostariam que fossem visita-los durante os dias 01 e 02 de novembro, assim como colocam comidas, bebidas, doces que esses parentes gostavam de se alimentar, já em locais públicos os alteres eram feitos para personalidades mexicanas, então eram colocadas coisas mais genéricas, que geralmente todos os mexicanos gostam.





**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Imagem 2: Altar casa Frida Kahlo

Fonte: Patricia Abud, 2019.

Imagem 1: Altar família do seu Guilherme.

Fonte: Seu Guilherme, 2019.

Acredito que importância da pesquisa se dá a partir de que essa cultura é fúnebre e o brasileiro é bastante avesso a esse tipo de estudo, e por isso pretendo mostrar que etnias tão próximas, pela sua história e localização geográfica, também são tão diferentes. Mostrando inclusive as coincidências fúnebres dos dois países, trabalhando principalmente a questão da memória afetiva dessas famílias, se utilizando como referencial literário Maurice Halbwachs e Aleida Assmann, para tratar desse assunto, além de trabalhar a imagem da morte e esquecimento em si, usando textos livro Imagem e Memória: Ensaio em Antropologia Visual e Usos do Esquecimento.

Contudo, acredito que a maior dificuldade enfrentada fora o deslocamento para o país e depois dentro da cidade, assim como a comunicação e a escolha das pessoas entrevistadas. E possivelmente ainda apareceram outras pela frente, como a falta de comunicação, no pós-pesquisa com essas pessoas.

**Conclusão:** Pretendo através de um olhar poético, mostrar o quão é bela essa cultura da festa do Dia dos Mortos, ocorrida na cidade do México, a riqueza de cores, formas, que encantam inclusive pessoas que não são desta cultura e que inclusive não tem a mesma crença religiosa.

**Palavras-chave:** México; mortos; arte.

**Agradecimentos:** CAPES

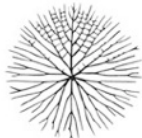
### **Referências bibliográficas**

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** Formas e Transformações da Memória Cultural. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Morte e a Fotografia.** In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org). **Imagem e Memória:** Ensaio em Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

PEIXOTO, Clarisse Ehlers. **Memória de Imagem.** In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org). **Imagem e Memória:** Ensaio em Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. **Reflexões Sobre o Esquecimento**. In: (org) **Usos do Esquecimento**. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2017.